

## **FÃS E PRODUTORES: Uma análise da influência do autor-empírico na interpretação textual por uma comunidade de fãs<sup>1</sup>**

Tainara Diule Cordeiro MARTINS<sup>2</sup>  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

### **RESUMO**

Este estudo busca compreender a influência do autor-empírico nas interpretações de um texto dentro de uma comunidade de fãs. Para isso, fundamenta-se nos conceitos de autor-empírico, autor-modelo, leitor-modelo e diferenças entre uso e interpretação cunhados por Umberto Eco e a abordagem de cultura de fãs, feita por Henry Jenkins. Será utilizado um debate no Tumblr entre fãs e produtor (Neil Gaiman) sobre a interpretação das ações do personagem Aziraphale, na segunda temporada da série “*Good Omens*”, do Prime Video. A análise demonstra uma certa tendência dos fãs de buscarem o autor-empírico para validar e/ou excluir interpretações de um texto.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunidade de fãs; autor-empírico; leitor-modelo

### **A INFLUÊNCIA DO AUTOR-EMPÍRICO NAS COMUNIDADES DE FÃS**

O consumo de fãs muitas vezes difere do público comum, devido ao seu engajamento emocional, social e econômico. Um movimento que poderia ser muito solitário, por causa das barreiras geográficas e socioeconômicas, ganha força coletiva com o avanço digital. As comunidades online dão força para que os fãs possam exercer influência no texto original. No entanto, os produtores também podem influenciar os debates na comunidade. Isso porque com a facilidade de contato gerada pelas redes sociais, fãs podem recorrer aos produtores para esclarecer dúvidas e validar interpretações. Ao buscarem os produtores, estes fãs estão entrando em contato com o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho (Estudos em Comunicação e suas interdisciplinaridades), evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da PUC Minas, email: tainaradiulle@gmail.com.

autor-empírico, termo cunhado por Eco (1994), para designar os autores em si de um texto. Eco (1994) aponta que para a interpretação, o determinante é o autor-modelo, que se configura como as estratégias narrativas para construção de texto.

Neste aspecto, este estudo se propõe a analisar a influência do autor-empírico para interpretação de um texto por uma comunidade de fãs, tendo em vista o tipo de relação mantida entre as duas partes. Se propõe ainda a entender o movimento de segregação de interpretações distintas. Para isso será utilizado um debate sobre as decisões do personagem Aziraphale (Michael Sheen) na segunda temporada da série *Good Omens* (2019), da Prime Video, que conta com Neil Gaiman como roteirista.

Historicamente, “fã” é uma terminologia mal vista socialmente, devido à forma que consomem, interpretam e produzem sentidos para um texto. Neste contexto, as comunidades de fãs se apresentam como espaços seguros e férteis para que os fãs possam produzir e validar suas interpretações. Janet Murray (2003) destaca que o crescimento cultural das comunidades de fãs foi acelerado pela internet devido a facilidade de contato do meio digital. Com isso, a relação de fãs e produtores se torna cada vez mais próxima, podendo ser harmoniosa ou uma disputa entre forças. Esse embate de forças caracteriza a “invasão de texto” descrita por Jenkins (2015). Isso pois o autor considera a forma como as comunidades moldam uma obra, um tipo de apropriação de texto.

Ao contrário de Jenkins, Umberto Eco (1994) vê produções, como *fanfic*, *fanart*, como uma maneira de uso de um texto. Eco (1994) aponta para uma diferença crucial entre usar e interpretar um texto. Mas para entender essa diferença é necessário primeiro compreender o que Eco chama de “leitor modelo”.

Todo texto funciona como um mecanismo preguiçoso, ou seja, para que a escrita não fique cheia de detalhes insignificantes, o autor deixa vários espaços a serem preenchidos pelo leitor. Para facilitar que o público tenha condições de preencher estas lacunas, o autor de um texto gera uma série de estratégias textuais, que vão desde a linguagem ao estilo de escrita. Isso irá delimitar a quem o texto se destina. Ao criar um texto, com estratégias específicas, para ser consumido por determinado público, espera-se que o consumidor haja como um “leitor-modelo”, que, segundo Eco (1994), é um tipo de leitor disposto a cooperar com o texto.

É neste contexto que Eco (1994) constrói a diferenciação de interpretação e uso. A interpretação é algo que surge da simbiose das estratégias usadas pelo autor e a resposta do leitor-modelo. Já o uso é quando um leitor se apropria de um texto para criar sua própria estratégia de interpretação. No entanto, as estratégias adotadas para determinar o leitor-modelo, ainda podem gerar diversas possibilidades de interpretação. Para explicar isto, Eco usa uma metáfora, criada por Jorge Luis Borges: o bosque, que representa o texto narrativo e as várias possibilidades de escolhas feitas pelos leitores.

Mas ao delimitar o leitor-modelo e o conceito de bosque de interpretação, é necessário ainda compreender o papel e a influência do autor do texto nesta equação. Para isso, Eco (1994) delimita os termos “autor-empírico” e “autor-modelo. Quem de fato escreve de fato a obra atua como autor-empírico, já o autor-modelo é a voz que fala no texto expressa através de estratégias narrativas.

Portanto, o bosque da interpretação é delimitado pelas estratégias que configuram o autor-modelo. Porém, um bosque tem diversas possibilidades de caminhos e mesmo que o autor-empírico, que escreveu a obra, tenha vasto conhecimento sobre este território, a opinião ou perspectiva dele configura como apenas mais uma das trilhas na floresta.

Um exemplo das várias possibilidades de interpretação no bosque é *Good Omens* (2019), uma série lançada pela Prime Video. A série é uma adaptação do livro de mesmo nome, de autoria de Neil Gaiman e Terry Pratchett, publicado originalmente em 1990. Para a produção televisiva, Neil Gaiman<sup>3</sup> assumiu o papel de roteirista da série. A primeira temporada de *Good Omens* narra desde a criação da Terra até o Armagedom (fim do mundo). Os protagonistas da história são Aziraphale (Michael Sheen), um anjo, e Crowley (David Tennant), um demônio, enviados pelo Céu e pelo Inferno, respectivamente, para cuidar dos propósitos de Deus e do Diabo na Terra.

A segunda temporada apresenta um enredo romântico, que agrada os fãs, mas ao final, Aziraphale recebe uma proposta de assumir o cargo de mais alta patente para anjos no Céu. Ao aceitar, Aziraphale deixa para trás a vida na Terra e Crowley. A escolha feita por Aziraphale é tema de diversos debates dentro da comunidade de fãs, que compartilham nas redes sociais várias interpretações sobre a decisão.

---

<sup>3</sup> Apesar de ser co-autor do livro, Neil Gaiman é o único autor que trabalhou como roteirista na série, pois Terry Pratchett faleceu em 2015.

Por ser muito ativo nas redes sociais, muitos debates produzidos coletivamente pelos fãs chegam a Neil Gaiman, que comenta teorias e até rebate suas interpretações. Este é o caso de um fã que foi ao *Tumblr* de Gaiman com a seguinte pergunta:



Imagem 1<sup>4</sup>

A pergunta sugere que Aziraphale foi corrompido pelo poder. Apesar da negativa de Neil Gaiman, várias passagens da série mostram que, mesmo com boas intenções, Aziraphale abusa do poder dele, para alcançar seus objetivos. No entanto, mesmo com o texto corroborando com a interpretação da pergunta feita, muitos fãs rechaçam a possibilidade e até utilizam a opinião de Neil Gaiman como um “cânone” dentro do texto, por ele deter mais “autoridade” sobre o texto.

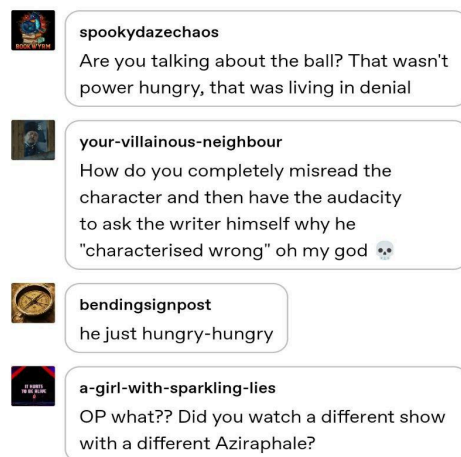


Imagem 2<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Tradução Imagem 1: Fã: Porque você fez Aziraphale sedento por poder? Ele até mesmo controla pessoas... não parece ele; Neil Gaiman: Eu não penso no Aziraphale como sedento por poder.

<sup>5</sup> Tradução Imagem 2: Fã 1: Você está falando do baile? Aquilo não era fome de poder, aquilo era viver em negação// Fã 2: Como você interpretou completamente errado o personagem e ainda tem a coragem de perguntar ao próprio escritor porque ele caracterizou mal o personagem, meu deus/// Fã 3: Ele é apenas danadinho // Fã 4: O que? Você assistiu um show diferente com um Aziraphale diferente?

Apesar de ser o criador dos personagens, Neil Gaiman é o autor-empírico do texto, ou seja, as opiniões ou interpretações de Gaiman, em suas redes sociais, em nada afetam as possibilidades de interpretação canônicas, muito menos são uma verdade absoluta no texto. Para os fãs, porém, a interpretação que mais se aproxima do autor-empírico se torna uma “trilha” dentro do bosque, e o que destoa disso se torna “errado”. Isso revela uma certa influência do autor-empírico nas construções de sentido dentro da comunidade de fãs. Ao tentar descartar uma interpretação possível, a comunidade de fãs busca homogeneizar o pensamento coletivo e segregar a diversidade interpretativa, se apoiando em figuras com maior “autoridade” sobre o texto, o que neste caso é o autor-empírico.

Mesmo com a liberdade de “mudar” o texto (não-canonicamente), como apontado por Jenkins (2015), os fãs ainda tendem a buscar a opinião dos produtores para validação das suas interpretações e debates. E com o dinamismo das redes sociais, os fãs têm acesso direto e rápido aos produtores. É possível notar essa tendência com o caso apresentado de um fã de *Good Omens*, que ao ter dúvidas sobre o texto, foi diretamente ao *Tumblr* de Neil Gaiman questioná-lo. Isso acontece porque para esta comunidade a opinião do autor-empírico tem um peso significativo dentro do texto.

## REFERÊNCIAS

- ECO, U. Entrando no Bosque. In: ECO, U. **Seis Passeios pelo bosque da ficção**. Trad. Hildegard Fiest. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994. cap. 1, pp. 7-31.
- ECO, U. O leitor-modelo. In: ECO, U. **Lector in Fabula**. Trad. Atílio Cancian. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. cap. 3, pp. 36-49.
- JENKINS, H. **Invasores de Texto: Fãs e Cultura Participativa**. Trad. Érico Assis. Rio de Janeiro: Marsupial, 2015.
- JENKINS, H. **Cultura da convergência**. Trad. Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.
- MURRAY, J. **Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço**. Trad. Elissa Khoury e Marcelo Fernandez Cuzziol. São Paulo: Unesp, 2003.